

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL

||

FESTA DE NATAL

NO

CENTRO-de-DIA

*

1. TARDE - CONVÍVIO

Em ordem a proporcionar ao Idoso um dia de maior carinho e alegria, e à semelhança dos anos transactos, levou-se a efeito no CENTRO DE DIA, em 18 deste mês de Dezembro, a tradicional FESTA de NATAL.

De entre as várias rúbricas do programa, destacam-se:

- a) As 13 horas deu-se início ao almoço, em que participaram, além de todos os utentes da Instituição, o diverso pessoal auxiliar e administrativo, Côrpos Gerentes da Misericórdia e outros convivas.
- b) Cerca das 14.30 h. principiou uma "Tarde Recreativa, com o seguinte programa:
 1. CONCURSO, onde participaram alguns dos Idosos da Instituição. É de realçar que os temas do concurso se basearam, fundamentalmente, em perguntas alusivas à quadra natalícia e ao Centro de dia. Os vencedores foram contemplados com prémios em dinheiro -que, espontaneamente, quiseram fazer reverter a favor do Centro.
 2. TEATRO - O grupo G.E.T.A.S. (Grupo Experimental de Teatro do Sardoal), que muito amavelmente acedeu ao nosso convite, veio proporcionar momentos de grande felicidade e boa disposição com as suas peças de teatro e exibição de palhaços.
 3. DISTRIBUIÇÃO de prendas e lembranças a todos os utentes e albergados.
- c) Pelas 17.30 h. foi servido um lanche a todos os presentes -que decorreu em clima de largo e fraterno convívio.

2. EXPOSIÇÃO

No dia anterior havia sido, entretanto, inaugurada uma larga e bem interessante exposição de trabalhos feitos pelas Idosas (rendas, malhas, bordados, peças de artesanato, etc.), que teve lugar na sala principal do Centro de Dia.

Esta exposição foi aberta a todo o público do Concelho, tendo como objectivos primordiais a divulgação das potencialidades das "Jovens Idosas" e a angariação de fundos para auxílio desta Instituição.

Dado não ter sido feito previamente o respectivo anúncio junto dos Sardoalenses, a assistência não correspondeu como seria de desejar e, logicamente, os lucros obtidos não foram muito significativos.

Espera-se que, futuramente, o público venha a acorrer em maior número, até porque é relevante o empenhamento e motivação das utentes -que não gostam de estar ociosas e inactivas...

- I.M.C.

AGRADECIMENTO

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia sente-se vivamente reconhecida pela boa-vontade e empenhamento de todo o pessoal em serviço no CENTRO-DE-DIA, na preparação desta Festa do Natal.

Não desejando, porém, ferir susceptibilidades, agradece na pessoa da Regente do Centro, Assistente Social D. Isabel Martins Carrilho, essa dedicada participação colectiva -que muito lhe apraz aqui deixar publicamente registada.

O BAIRRO PARA BREVE!

Recolhidas que foram todas as candidaturas a uma casa, no Bairro da Misericórdia, procedeu-se ao respectivo ordenamento, de acordo com os serviços competentes do Ministério dos Assuntos Sociais.

As listas provisórias dos concorrentes têm estado facultadas ao público, na Secretaria do Centro-de-Dia, conforme se dava nota nos editais e avisos oportunamente distribuídos.

Findo o prazo legal para as eventuais reclamações, ocorrerá a devida atribuição -o que se espera venha a ser realizado muito em breve.

Entretanto, a Camara Municipal não mais fez as obras da pavimentação das ruas, construção dos passeios, valetas e escoadouros. Daí que estas chuvadas intensas dos meados de Dezembro tenham convertido os piseis em extensos lamaçais, de água fétida e barrenta, por onde se torna difícil e perigoso caminhar, sobretudo em dias invernosos.

Prof. JOÃO MANUEL

ELES...

Conheceram-se
O que é normal...
No liceu
Creio eu -
Para bem
Para mal

Era lá com ELES...

Naturalmente
Como toda a gente
Que é decente
Falaram em namoro
Com certo decoro...
Conversaram
E, beijos trocaram
Sem decoro...

Combinaram o casamento
O que é SOBRENATURAL!...
Enfim
Casaram e disseram o SIM.
Casamento de espavorito!...

A certa altura
Lavanta a fervura...

ELA desabafa:

- "Querido! Não sei cozinhar...
Estou desculpada?...
Tinha ISTO para te dizer..."
O NOIVO impávido respondeu:
- "Está descansada
Eu TAMBÉM NÃO GANHO
P'RA COMER!!!..."

SORRIA... por favor!

EDITORIAL

Este grande e desvairado Mundo em que vivemos é constituído, no fim de contas, por muitos outros "mundos" parelhos, distintos e individualizados entre si mas que, nas suas contradições e divergências intrínsecas mostram, não obstante, grandes pontos de afinidade e convergência.

Um desses submundos que logo avulta, em desafio flagrante à nossa sensibilidade é o dos "doentes e inválidos" -larga corrente de dor e sofrimento, cada vez mais engrossada no seu caudal.

Na verdade, os estropiados e os diminuídos físicos, resultantes dos desastres no trabalho, dos acidentes de viação, das guerras ferozmente impiedosas que lavram em tantas partes do Globo, bem como os perseguidos e torturados nos regimes totalitários e opressivos, e as vítimas de tantos outros actos de violência e da brutalidade humana são muitas e muitas dezenas de milhar, a crescer em cada dia que passa.

E quantos, ainda, os que sofrem de muitas e várias doenças e enfermidades (tantas vezes incuráveis), amarrados a um catre de hospital, ou recolhidos na caridade dos asilos e hospícios, ou, mesmo, em suas próprias casas -quando não, até, abandonados e esvaindo-se em míseros casebres e tugúrios, de todo esquecidos pelo mundo, que os finge ignorar e os sacode!

Acaso, já pensámos nós, seriamente, conscienciosamente, nessa maré negra de dor e sofrimento, que varre todas as regiões da terra? Mesmo se, tão-somente, restringirmos o nosso ângulo de alcance e o lançarmos, apenas, para a nossa beira, alguma vez nos demos conta de todos os diminuídos físicos, dos transtornados psíquica e mentalmente, dos mutilados, dos enfermos crónicos, que existem nesta porção tão limitada do Mundo, que se chama Portugal? Ou, simplesmente, num horizonte ainda bem mais conciso e reduzido, nos ativemos, apenas, aos que habitam no nosso próprio concelho?

É tempo de reflectirmos um pouco sobre este tema tão crucial, de que por comodidade e, talvez ainda, por egoísmo, nos queremos sentir distantes e alheados.

Jamais nos deveria ser permitido pôr em dúvida que o doente, seja qual for, tem o seu lugar na Vida, de pleno direito. E que não é um inútil -menos, ainda, um farrapo sem préstimo nem interesse. Por mais afectado que esteja no seu físico ou por muito alto que haja subido a sua descoordenação psíquica e mental, ele continuará sempre, e não obstante, uma criatura humana -e, como tal, é mister que seja encarado e AMADO. E para nós, Cristãos, que temos como obrigação estrita interpretar a Caridade numa visão bem mais ampla e rasgada do que os simples materialistas e ateus o doente é também, fundamentalmente e antes de tudo, um filho de Deus, vivificado pela graça santificante e redimido pela crucifixão do Calvário.

Nesses termos, do mesmo modo que nós outros, deve ter sua plena e integral aceitação na comunidade cristã, para nela celebrar o Amor de Deus e fazer do holocausto da sua Vida um penhor mais forte e seguro de Salvação.

Seria altura, agora, de arriscar uma interrogação, talvez um pouco dura e incomodativa, mas que não deixará, por isso, de ser oportuna: -como temos nós olhado esses doentes, sobretudo os mais diminuídos e incapacitados?

Apenas os "suportamos", em contrafeita e forçada tolerância, ou damos-lhe verdadeiramente, convictamente, todo o Amor do nosso coração? Por comodismo egoísta, passamos de lado e fechamos os olhos ao nosso Irmão que sofre e precisa do nosso amparo e solidariedade, ou estendemos-lhe a mão aberta e fraterna para o socorrer e ajudar?

Respondamos com honesta frontalidade à nossa consciência, sem vacilações nem subterfúgios!

Valerá, ainda, a pena meditar um pouco na palavra de Cristo, trazida até nós pelo Evangelho de S. Mateus: "...o que fizerdes ao mais humilde dos meus Irmãos, a Mim o fareis: o que lhe negardes -é a Mim que o negais!"

- B.

O DIREITO DE NASCER

A carta pastoral dos bispos portugueses sobre o aborto não suscitou nos órgãos de Comunicação Social, e estranhamente, reacções de vulto. Pode, este quase silêncio ter uma de duas interpretações. Ou não se pretende, para já, abrir polémica contra a nota do episcopado, adiando por mais alguns dias o romper das discussões. Ou se procura cercar de um isolamento discreto, para discretamente a invalidar, a voz mais forte e socialmente acreditada: a voz da Igreja Católica.

Cometerão um erro aqueles que pensarem assim, porque, de todas as forças mobilizáveis na sociedade portuguesa, a Igreja é a única que toca o foro íntimo do indivíduo. Não se pense, porém, que tal acontece por causa de medidas penalizantes ou de ameaças de excomunhão, hoje de duvidosa eficácia numa atmosfera social impregnadamente laica. Acontece porque há uma plena coincidência moral de princípios e comportamentos, de valoração e de sensibilidade entre a ética cristã e o direito natural. Por isso, a Igreja não vai calar-se nem antes nem depois da discussão da proposta de lei de despenalização do aborto na Assembleia da República. Não o fará nem pode fazê-lo, porque está em causa a própria vida. É dramático e sombriamente paradoxal que, tendo sido internacionalmente consagrados e aceites os direitos do homem e os direitos da criança, logo o mais fundamental de todos, que é o direito de nascer, seja passível de ser vetado.

Há, por outro lado, problemas, grande parte deles angustiantes, que têm sido debatidos tanto na sociedade civil como na sociedade religiosa e para os quais são exigidas soluções. Só que estas têm de ser soluções humanas, na sua totalidade, isto é, não apenas a favor da mãe, e não o serão se, invocando este ou aquele motivo, atentarem contra a vida. E esta é, em último termo, o máximo de todos os valores. Diga-se o que se disser e sejam quais forem os valores que se invoquem, há um facto que é inegável: o aborto destrói um nascituro. Não importa que tenha só três ou quatro semanas, três ou quatro meses. É uma vida. Uma vida singular, irrepetível, personalizada e diferente daquela que a recolhe no seu ventre. Não é um membro que possa ser amputado nem um órgão que possa ser extirpado. É uma vida que ninguém tem nenhum direito de exterminar. A Ordem dos Médicos foi já suficientemente clara e determinante a este respeito, não permitindo que permaneçam dúvidas.

Nestas breves e superficiais considerações que se focar que a posição contra o aborto não é exclusiva da Igreja Católica. Acontece que esta situa-se no mesmo campo de oposição em que se encontram milhares de pessoas pertencentes a outros credos religiosos ou mesmo não professando credo nenhum. Estamos, com efeito, não perante uma questão religiosa, mas perante uma questão de direito natural que tem por objecto o maior de todos os acontecimentos: o nascer de uma vida.

Acertando a posta a fatalidade de que terá de ser feita uma votação para se concluir se é legal ou ilegal matar um nascituro, optou-se por que sejam os senhores deputados a decidir. E, no entanto, se há tema que as famílias portuguesas sabem discutir é este: a vida e o nascimento dos filhos.

Por que não votam os portugueses? Aqui, o analfabetismo não existe. Por que não se convidam os portugueses a votar? Votam para escolher o Presidente da República. Votam para escolher deputados que não conhecem. Não votam para decidirem se há-de ou não há-de nascer uma vida. Não há dúvida: a evidência e o paradoxo

Pacheco de Andrade

de DIÁRIO POPULAR

- Para felicitar as ofertas

No intuito de facilitar as ofertas a enviar para esta Misericórdia pode-se desde agora depositar em qualquer agência da

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS neste nosso número de conta:

MISERICÓRDIA DE SARDOAL

CONTA N.º 503 - C - 16

O SENHOR DOS REMÉDIOS

Uma das mais profundas e sinceras devoções das gentes do Sardoal é o Senhor dos Remédios - epí teto carinhoso com que os seus habitantes sempre de signaram a figura de Cristo, vergado sob o madeiro, caminho do Calvário, e cuja Imagem, em tamanho natu ral se venera em uma capela anexa ao Mosteiro de Santa Maria da Caridade.

É impressionante o aspecto dessa veneranda Imagem, exposta permanentemente à veneração dos fiéis. O rigor fisionómico do traço humano, a pureza e a naturalidade das feições, o realismo patético da figura dolorida e acobruhada do Senhor, na sua tão penosa e dura caminhada para o Calvário, desde sempre abalaram e impressionaram a sensibili dade dos crentes, que há centenas de anos aqui vêm, em romagem de penitência e de fé, sobretudo em ho ras difíceis e tristes de dor e aflição, a pedir amparo e remédio para os seus problemas e dificul dades - alhelos a respeitos humanos e a limitações de ética social ou comodística, vibrantes sempre na sua fé profunda e firmemente esperangados na intercessão desse Cristo que, por Amor dos homens, tomou a forma humana para vir depois a sofrer na sua própria Carne a morte afrontosa do Calvário.

Quantas preces, ansiosas e aflitivas, quantos dramas pungentes de Vida, quantos desesperos e an gustias esse mesmo Senhor não tem escutado? E, para lelamente, no secretismo das consciências, quantos milagres não terão ficado a marcar o bom desfecho e solução de tantas dessas necessidades e apelos?

Ora, segundo a tradição, esta piedosa Imagem, nos seus primeiros tempos, não estaria onde se encon tra hoje, mas, sim, na parte interna do Convento dos frades, um pouco para lá da Portaria do rés-do-chão, que fica à esquerda, sob a alpendrada da Igreja de Santa Maria da Caridade. Só mais tarde viera a ser construída, expressamente, a pequena Capela, do lado direito do átrio exterior, para onde fora transfe rida. Muito delida pelo tempo, essa tradição que passara através de sucessivas gerações, oferecia algumas reservas por se não abonar em qualquer do cumento escrito.

Porém, recentemente, investigações levadas a efeito na Torre do Tombo permitiram encontrar o "auto de notícia" dessa transferência - o qual se re produziu ao lado embora de forma reduzida, e se trans creve seguidamente:

"Colocou-se a Sagrada Imagem do Senhor dos Remédios na capelinha dela, que para a dita Ima gem se fez da parte de dentro da Portaria, aos 16 de Agosto de mil setecentos e quarenta e três.

E pelo grande concurso das gentes e perturba ção que davam aos Religiosos se lhe fez a segun da Capela em que está e para onde se trasladou aos vinte e oito de Abril de mil setecentos e quarenta e oito.

Pregou na festa da Colocação o Ir. Fr. Diogo dos Prazeres, Missionário Apostólico do Real Sem inário de Brancames, que aqui se achava em Mis são. Disse a primeira missa na segunda Capela, no dia da trasladação, o Ir. Fr. Joaquim de Vale de Prazeres, que foi quem mandou vir a dita Ima gem e diligenciou a fabrica das duas capelas, e o ornato de castiçais, docel quartinado, e as mais ornamentações do Altar, casulas e paramen tos. Pregou o primeiro sermão no dia da Traslada ção o Ir. Fr. António do Fundão Barreiros.

Dourou-se e pintou-se a Capela no ano de mil setecentos e cinquenta."

... de quem é a Responsabilidade?

Se bem que um pouco à margem das motiva ções que norteiam habitualmente o ideário do nos so BOLETIM, entendeu, não obstante, a Mesa Admini strativa da Santa Casa que não seria de todo deslo cado a referência a um caso insólito, que se apre senta em aberta e frontal contradição com a tão apregoada "qualidade de Vida" - da qual muito se fala hoje em dia e que justificou, até, a criação de um Ministério próprio, ainda não há muito tem po.

Trata-se, para mais, de um assunto que já nos esteve afectando directamente e que, por is so se ligou em certa medida à Misericórdia.

Queremos referir-nos ao vazadouro do lixo da Vila. Com efeito, durante um largo período, era numa propriedade desta Instituição, chamada "A Baía", que se despejava todo o lixo da terra - a esmo, desordenadamente, sem uma escolha e separa ção convenientes e adequadas. A própria Camara, tempos decorridos (e há cerca de 3-4 anos), reco nhecendo como mal localizada aquela montureira - que utilizara, aliás, numa situação quase de emer gência - resolveu transferi-la para outro espaço livre, com melhores condições higiénicas.

Só que, presentemente, os lixos urbanos e todos os detritos inúteis da terra passaram a ser vazados a cerca de 20/30 metros da Escola Secun dária e de uma unidade fabril cuja actividade úni ca é o fabrico de pão, bolos e pastelaria diversa - e se podem ver normalmente espalhados pelas bermas da rua de acesso àqueles edifícios e ao no vo Bairro habitacional, para o qual a Camara Muni cipal está vendendo talhões aos interessados.

Se, com efeito, a localização antiga dei xava muito a desejar pela completa ausência de higiene, a actual parece vir a brigar, ainda mais, com o decoro e a decência.

Seria bom, talvez, que a população se dis pusesse a acordar da sua habitual letargia e pas sividade, e tentasse levar as Autoridades civis e sanitárias do concelho a mostrarem um pouco mais de respeito pela saúde e higiene dos seus habitan tes, em geral, e mais particularmente ainda, das largas dezenas de alunos que frequentam o referi do estabelecimento de ensino - tão mal enquadrado que está por aquele deslustrado panorama envol vente que constitui, além disso, um activo e po tencial foco de inquinamento e contaminação.

Colocou a sagrada Imagem do Senhor dos Remédios na sa grada Capela da dita Imagem da dita Capela de dentro da Portaria aos 16 de Agosto de mil setecentos e quarenta e três. E pelo grande concurso das gentes e perturbação que davam aos Religiosos se lhe fez a segunda Capela em que está e para onde se trasladou aos vinte e oito de Abril de mil setecentos e quarenta e oito. Pregou na festa da Colocação o Ir. Fr. Diogo dos Prazeres, Missionário Apostólico do Real Seminário de Brancames, que aqui se achava em Missão. Disse a primeira missa na segunda Capela, no dia da trasladação, o Ir. Fr. Joaquim de Vale de Prazeres, que foi quem mandou vir a dita Imagem e diligenciou a fabrica das duas capelas, e o ornato de castiçais, docel quartinado, e as mais ornamentações do Altar, casulas e paramentos. Pregou o primeiro sermão no dia da Trasladação o Ir. Fr. António do Fundão Barreiros. Dourou-se e pintou-se a Capela no ano de mil setecentos e cinquenta."



boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardoal - 2230 SARDOAL

N.º 5 - DEZEMBRO 1983

(Distribuição gratuita)

Publicação mensal